



REVISTA INTERDISCIPLINAR ENCONTRO DAS CIÊNCIAS
V.1, N.1, 2018

A CONSTRUÇÃO DA COMPETÊNCIA MORAL DOS IDOSOS E SUA AMBIGUIDADE PELO ENVELHECIMENTO ATIVO

THE CONSTRUCTION OF THE MORAL COMPETENCE FOR OLD PEOPLE AND ITS AMBIGUITY BY ACTIVE AGING

| José Ricardo Ferreira da Costa¹ |

RESUMO

Durante séculos, a velhice foi vista como uma fase negativa da vida pelo fato do avanço da idade criar uma imagem, em nossa sociedade, dos idosos como seres que estão próximos da morte. Porém, nos últimos tempos, com o aprimoramento das técnicas terapêuticas e tratamento médico, esta imagem negativa, não só vem se modificando, mas até conferindo uma imagem de superioridade moral, no sentido não só do cuidado dos idosos, mas do investimento de todo esse cuidado, que leva, necessariamente, os mais jovens a obterem mais sucesso que os próprios velhos, que só é possível, inclusive, com o envelhecimento ativo e que, na prática, só ocorre, no Brasil, a partir do momento em que os idosos, como parte dos batalhadores brasileiros, pensam nesse cuidado com os mais jovens como um tipo de ascensão por procuração, feita por mérito individual e que é concretizada por uma conduta metódica de vida, reivindicada pelos idosos como uma forma de ação consciente no mundo e pela construção de uma competência moral específica, construída por todas as suas vidas, mas que, socialmente, não só carece de reconhecimento social, mas também gera muitos conflitos, em espaços sociais públicos, com pessoas mais jovens.

PALAVRAS-CHAVE

Velhice. Cuidado. Envelhecimento.

ABSTRACT

For centuries, old age was seen as a negative phase of life because the advancement of age creates an image in our society of the elderly as beings that are close to death. However, in recent times, with the improvement of therapeutic techniques and medical treatment, this negative image, not only has been changing, but even conferring an image of moral superiority, in the sense not only of the care of the elderly, but of the investment of all this care, which necessarily leads the younger ones to obtain more success than older people, which is only possible with active aging, and which, in practice, only occurs in Brazil, once the elderly, as part of the Brazilian struggle, think of this care with the young people as a type of ascension by procuration, made by individual merit and which is concretized by a methodical way of life, as claimed by the elderly as a form of conscious action in the world and by the building a specific moral competence, built by all their lives, but which, socially, not only lacks social recognition, but also generates many conflicts in public social spaces with younger people.

KEYWORDS

Old age. Care. Aging.

INTRODUÇÃO

Nos últimos tempos, com o aperfeiçoamento das técnicas de tratamento médico e terapêuticas, a população de pessoas com idade superior aos sessenta anos tem aumentado de número consideravelmente em muitos cantos do planeta e uma das questões primordiais que viraram preocupação de teóricos das ciências sociais, como, por exemplo, Elias (2001) e Roth (2012), foi o combate à fragilidade, decorrente do isolamento e consequente abandono que essas pessoas sofrem ao deixarem de fazer parte, de certa forma, do mundo dos seres humanos mais jovens.

Este trabalho tem como maior pretensão estudar alguns aspectos relacionados a uma ambiguidade moral por, por um lado notarmos a existência do abandono pela falta de cuidado e isolamento de pessoas que, de alguma forma, dedicaram-se ao cuidado de pessoas mais jovens dentro do âmbito familiar e que, depois de se tornarem idosas e deixarem de cumprir funções econômicas de sustento familiar, sentem-se esquecidas porque são isoladas pelas gerações mais jovens. Por outro, a mudança que vem tomando corpo, em nossa sociedade, da diminuição dos casos de abandono pela busca por parte dos idosos pelo envelhecimento ativo.

Esta mudança tem que ser vista, sobretudo, pela forma com que as pessoas idosas buscam ter uma longevidade maior do que em tempos históricos anteriores, sobretudo pelo investimento na saúde física e mental dos idosos.

Para tratar dessa mudança, vamos tentar mostrar como, em primeiro lugar, dentro do ponto de vista moral, os idosos são isolados, pelo distanciamento a que são submetidos pelas gerações mais jovens em virtude da proximidade que a senilidade como processo natural do envelhecimento traz, e como os idosos constroem uma imagem de moralidade superior, no sentido não só de cuidar, mas de investir todo o cuidado numa forma de ascensão que leva, necessariamente, os mais jovens a obterem mais sucesso que eles mesmos.

Em segundo lugar, como os idosos vem fazendo isso, a partir de suas práticas, modificando a imagem construída do avanço da idade como um processo negativo de incapacidade, para uma imagem positiva, investindo em sua capacidade funcional e tendo como pano de fundo a construção de uma competência moral por uma boa vontade cultural, baseados em Pierre Bourdieu (2007) e pragmatista em Alexandre Werneck (2012; 2014), em virtude da existência não só de práticas, mas pela busca da construção de espaços sociais construídos em que a atuação dos idosos se tornou efetiva e proeminente pela busca, cada vez mais incessante, pelo envelhecimento ativo.

ISOLAMENTO E DISTANCIAMENTO DOS IDOSOS PELAS GERAÇÕES MAIS JOVENS

Um dos problemas fundamentais sofridos por pessoas idosas existentes hoje em dia é a ausência de preocupação moral dos filhos em cuidar deles depois que deixaram de sustentar economicamente a família. Nesse sentido, a ausência de uma retribuição, por parte dos filhos, em se notabilizar toda uma vida de dedicação dos pais na criação e cuidado com eles, é que muitas vezes os fragilizam e os isolam.

Na verdade, no momento em que os pais se atribuem a responsabilidade de constituir uma família, fazem isso como se fosse uma espécie de incumbência oriunda de uma força superior – num mundo metafísico, ou, como coloca Kant (2009), não sensível, e que também não pode deixar de ser colocada em prática, não só porque é uma ordem que vem de uma vontade atribuída muitas vezes a uma divindade, mas que também, como está colocado em Weber (2001), por exemplo, governa os hábitos culturais em muitas religiões ocidentais modernas.

Por isso, após constituírem uma instituição familiar, composta por marido, mulher e filhos, os pais acabam contraindo obrigações, sobretudo de manutenção e sustento econômico dos mais jovens, até o momento em que esses últimos possam suprir todas as suas necessidades econômicas básicas até o momento da morte dos idosos, ou a partir do momento em que os filhos saem dessa instituição familiar para compor outra família como pai ou mãe.

Além disso, o fato da ausência de uma retribuição pelo direcionamento de toda uma vida dedicada dos pais aos filhos, desde o nascimento desses últimos, pode demonstrar também uma diferença cultural importante de uma geração para outra, pelo fato de, enquanto os pais e as gerações mais velhas das famílias verem a questão do cuidado, seja com eles mesmos, seja até com outras gerações dessas famílias como primordiais para a sobrevivência e manutenção delas mesmas, para as gerações mais jovens isso não tem mais importância.

Na atualidade, a questão do cuidado com as pessoas mais velhas é vista não apenas como um problema isolado nos estudos sobre família, como também, para Elias (2001, p. 08), “fragiliza nossas sociedades pelo isolamento que as pessoas passam depois que, nos seus próprios termos, tornam-se moribundos”.

Aparentemente, gerou-se uma geração incapaz de encarar o problema de, de acordo com Elias (2001, p. 16-17),

[...] dar aos moribundos a ajuda e afeição de que mais que nunca precisam quando se despedem dos outros homens, exatamente porque a morte do outro é uma lembrança de nossa própria morte. A visão de uma pessoa moribunda abala as fantasias defensivas que as pessoas constroem como uma muralha contra a ideia de sua própria morte (ELIAS, 2001, p. 16-17).

Como encarar a morte não deve ser algo fácil, por nossas gerações mais jovens possuírem, como coloca Elias (2001, p.17),

[...] o sentimento de que a morte é uma punição imposta a mulheres e homens pela figura do pai ou da mãe, ou de que depois da morte serão punidos pelo grande pai pelos seus pecados, também desempenhou papel considerável no medo da morte por um longo tempo (ELIAS, 2001, p. 17).

Por isso é que, apesar de muitas vezes não se comprometerem com a ajuda e o cuidado com nossas gerações mais velhas, os jovens se preocupam com o fato de, também por uma ótica metafísica (divina), poderem receber uma punição por não darem a atenção dada pelos moribundos quando eram mais jovens e sustentavam as famílias, e, por isso, deverem se preocupar com a vida desses moribundos.

Entretanto, mesmo havendo este tipo de preocupação, o fato é que o isolamento das pessoas mais velhas ocorre por um sentimento de recalçamento da morte deles mesmos, pelo fato de, de acordo com Elias (2001, p. 18-19),

[...] de acordo com as novas relações de poder, associam-se a sentimentos de vergonha, repugnância ou embaraço e, em certos casos, (...) [os moribundos] são banidos para os bastidores ou pelo menos removidos da vida social pública. Para os próprios moribundos, isso significa que eles também são empurrados para os bastidores, [e, por isso,] são isolados (ELIAS, 2001, P. 18-19).

Neste caso, por terem passado grande parte das suas vidas, e depois que envelheceram deixaram, não só de fazer mais ativamente a tarefa muito valorizada por nossa cultura voltada para o trabalho e de sustento econômico da família, acabam por se isolarem do que muitos chamam do “mundo dos vivos”.

Obviamente, não podemos pensar que esta pouca importância dada ao cuidado ou até à preservação da vida de idosos se deu recentemente, mas construída historicamente. Isto se deu, obviamente, por uma mudança na forma como as famílias deixaram de dar importância às pessoas mais velhas, porque se, como ressalta Laranjeira (2010, p. 765),

[...] até [algum tempo atrás] os idosos [eram] venerados e respeitados, [houve a] evolução de um período em que os idosos desempenhavam um papel social e familiarmente útil, para um tempo em que a terceira idade passara a ser desprezada e cada vez mais voltada ao isolamento social (LARANJEIRA, 2010, P. 765).

Esta mudança se deu, principalmente, a partir do final do século XIX, quando, de acordo com Laranjeira (2010, p. 765),

[...] o envelhecimento passou a ser formalizado como um período de declínio e obsolescência, [em virtude] da velhice passar a ser vista como um período de senescência e, conseqüentemente, como condição de dependência, tanto física

como mental [e, por isso], a velhice [passando a ser] vista como sinônimo de incapacidade funcional, fragilidade, morbidade, etc (LARANJEIRA, 2010, P. 765).

Em qualquer sociedade moderna, um dos traços fundamentais existentes sempre foi a presença marcante da caridade nas relações familiares em que, para Kant (2009, p. 119),

[...] ser caridoso quando possível é [ou sempre foi] um dever e, além disso, também há muitas almas por temperamento tão solidárias que, sem outro motivo de vaidade ou proveito próprio, encontram um íntimo deleite em espalhar alegria ao seu redor e que podem regozijar-se com o contentamento dos outros na medida em que esta obra é sua (KANT, 2009, p.119).

Baseado na obra de Pierre Bourdieu (2007), nota-se que, neste caso, a caridade é um artifício que os idosos colocam em prática que vêm de uma visão de mundo em que o cuidado dado aos seus entes mais jovens se dá por um tipo de possibilidade de ascender ao reino dos céus, por procuração, por possuírem menos capital cultural e econômico em relação às classes burguesas e pequeno-burguesas, porque são oriundas de uma classe social que Jessé de Souza (2012) chama de batalhadores brasileiros, que se intitulam como uma nova classe média, mas que constituem práticas características e se localizam em domínios espaciais das classes populares e se recusam, muitas vezes, a ver a realidade como ela é (SOUZA, 2012, p. 21).

Isto se dá pelo fato de que há, como coloca Souza (2012, 21), “uma cegueira em relação à percepção das classes sociais que compõem e estruturam a realidade”, em nosso caso, porque nossas gerações mais jovens ‘pertencentes a esta classe, quando se relacionam com pessoas mais velhas, mesmo no âmbito familiar, não pensam e muito menos colocam em prática a caridade, no sentido de se alegrarem em ajudar essas outras pessoas a alcançarem seus objetivos e finalidades de vida e isso muda quando se nota que nessas gerações mais novas, o cuidado com as pessoas mais velhas não se torna um dever, e muitas vezes, os mais velhos, considerem que este tipo de caridade venha a ser retribuída pela autoridade divina ou metafísica, mesmo que não seja autonomamente em vida, mas transferindo esta possibilidade de sucesso para os seus entes mais jovens.

A diferença essencial, nesse caso, é que, enquanto as gerações mais velhas dos batalhadores se caracterizam pelo que Max Weber chama de uma conduta metódica de vida, no sentido de afirmar, como coloca Jessé de Souza (2012, p. 24), que o que importa, “é o ‘mérito’ individual, [porque] todas as condições sociais, emocionais, morais e econômicas que permitem criar o indivíduo produtivo e competitivo em todas as esferas da vida simplesmente não são percebidas” nas relações de cuidado dos mais velhos para com os mais jovens. O que é algo que não é retribuído aos mais velhos porque uma das características dessa geração mais jovem dos batalhadores é que,

[...] as raízes familiares da reprodução do privilégio de classe e o abandono social [dos mais jovens para com os mais velhos] secular de classes sociais inteiras,

cotidianamente exercido pela sociedade como um todo em todas as suas práticas sociais, são tornadas invisíveis para propiciar a “boa consciência do privilégio” econômico (das classes altas) ou cultural (das médias) e torna-lo legítimo (SOUZA, 2012, p. 24).

Todo esse processo de invisibilidade só ocorre porque nossas gerações mais jovens acabam passando por um processo, chamado de *Illusio* por Bourdieu (2007), que se assemelha a um processo de alienação, como formação de uma falsa consciência, presente na obra de Karl Marx, por não perceberem todo o esforço que, por exemplo, uma mãe faz, ao levantar de madrugada todos os dias de sua vida, para seus filhos poderem ter uma boa refeição no café da manhã e, pela disposição que essa mãe tem, após fazer essa atividade, trabalhar o dia inteiro, o que uma mulher mais jovem, por não ter como princípio esta conduta metódica de vida, até pelos seus filhos, não faz.

Esse processo de *illusio* se dá pela inculcação em nossa sociedade, de valores que defendem a proeminência em nossas vidas, como coloca Jessé de Souza (2012, p. 26),

[...] do capitalismo como um espírito que justifique e legitime a atividade econômica[que é] compreensível quando percebemos que o capitalismo é habilitado pela irracionalidade fundamental de uma produção econômica que está desvinculada de uma relação direta com as necessidades humanas ou com os valores de uso, como diria Karl Marx[, ou seja, envolvendo] a ideia de uma acumulação de capital como um fim em si mesmo (SOUZA, 2012, p. 26).

Nesse caso, esse tipo de falseamento realidade é necessário para o sistema capitalista porque, de acordo com Jessé de Souza (2012, p. 27),

Como qualquer sistema de dominação eficiente e que pretende se reproduzir no tempo, o capitalismo necessita se legitimar [e para isso] fazer com que as pessoas acreditem no que fazem e que, se possível, se empenhem o máximo possível naquilo que fazem. O sucesso do capitalismo não pode sequer ser compreendido, sem o trabalho de legitimação prévio no sentido de ganhar a boa vontade, adesão ativa e o comprometimento dos seus participantes (SOUZA, 2012, P. 27).

Por essa forma de atuar estruturalmente na vida das pessoas é que faz com que as gerações mais jovens de nossas famílias se preocupem muito mais em satisfazer suas vontades econômicas de acumulação material e hedonistas, do que propriamente se preocupar em retribuir o cuidado que seus entes mais velhos tem com eles, chegando até a abandoná-los pelo isolamento social, decorrente da falta de cuidado que se faz presente, primeiramente, nas relações familiares.

A MUDANÇA DA IMAGEM NEGATIVA DOS IDOSOS PELO ENVELHECIMENTO ATIVO

Não obstante, como forma de atenuar os problemas sociais decorrentes do isolamento e consequente abandono por esta ausência de cuidado, é a mudança da conduta dos mais velhos, que atualmente lutam para sair ou não entrar em uma situação de incapacidade pela busca de um envelhecimento ativo que, no sentido funcional, é definido por Veras (2014, p. 331) como:

[...] um espectro de estados de saúde relacionado ao processo de aumento de limitação funcional (...) [e que] é avaliado através de declaração indicativa de dificuldade ou de necessidade de ajuda em tarefas básicas de cuidados pessoais e em tarefas mais complexas, necessárias para viver de forma independente na comunidade (VERAS, 2014, p. 331).

Em virtude do abandono pelo isolamento a que é submetido pela sociedade, a luta dos mais velhos travam é para se manterem sempre em uma condição de capacidade funcional, que é definido também por Veras (2014, p. 334) “como a capacidade de manter habilidades físicas e mentais necessárias para uma vida independente e autônoma”.

Por isso, a questão da mudança em relação ao problema do abandono pela ausência de cuidado e isolamento de nossas gerações de pessoas mais velhas, sobretudo pelo esforço que nossos idosos fazem para saírem, ou mesmo não entrarem, em uma condição de incapacidade e assim serem melhores vistos por nossas gerações de pessoas mais jovens e pela sociedade de um modo geral é fundamental para o entendimento de todo esse processo.

Esta mudança vem se dando também com existência da noção do envelhecimento como um processo capaz de evocar novas imagens específicas de vitalidade, atividade e empreendedorismo que se dá, de acordo com Laranjeira (2010), pelos seguintes aspectos:

- 1) Representatividade da população idosa, resultante do envelhecimento populacional;
- 2) Novas oportunidades de vida, resultante das novas tecnologias de comunicação e;
- 3) Melhoria significativa da situação econômica desse segmento populacional. (LARANJEIRA, 2010, p. 767).

Por isso que a própria criação da categoria da terceira idade, como a idade dos idosos, tenta apagar, como coloca Maffioletti (2005, 342), “uma etapa que amedronta a todos nós, as cores sombrias que desenham perdas, sofrimento, doença e abandono, oferecendo, em troca, [muitas vezes, da] irresistível imagem de uma etapa pródiga em prazeres possíveis, dantes imagináveis”.

Há, obviamente, uma ambivalência que é criada a partir do momento em que, por um lado, nota-se, de acordo com Maffioletti (2005, 343),

[...] um processo de socialização da gestão da velhice,[que] continua sustentando um discurso inspirado em uma representação como um processo contínuo de perdas, marcado pelo abandono, pela ausência de papel social, e doenças, [por

outro lado], o idoso é divulgado pela mídia [como] um ser participante, lúcido, ativo, cujo único desafio é buscar sua realização pessoal, já que se encontra pronto para viver um dos momentos mais felizes de sua vida (MAFFIOLETI, 2005, p. 343).

Dessa forma, se, por um lado, a velhice é vista como uma faixa etária, ligada a aspectos negativos da vida, por outro lado, em virtude de uma grande representatividade da população idosa, novas oportunidades de vida e uma melhoria econômica desse segmento populacional, temos também uma maior valorização dos idosos, o que é reforçado pela busca de uma maior capacidade funcional por esses idosos, sobretudo com a luta que eles travam, como coloca Lins de Barros (2014, p. 45) contra os sinais de envelhecimento do corpo como um mal-estar, combatendo os sintomas com o controle e a minimização dos sinais de envelhecimento pela busca pelo envelhecimento ativo.

Vale ressaltar que a busca por esse envelhecimento ativo pela capacidade funcional se dá por dois fatores. O primeiro é pela necessidade que a população idosa notou de, mesmo após a aposentadoria, continuarem a trabalhar para permanecerem com a tarefa de provenção das famílias porque:

[...] preservar esse lugar é uma das razões que levam aposentados com maior escolaridade e renda continuar trabalhando para manter o consumo e uma posição vantajosa [status] nas relações de trocas entre gerações – relação de autoridade, autonomia e independência como indivíduo (LINS DE BARROS, 2014, p. 47-48).

O segundo fator se dá pela busca de:

[...] uma experiência vivenciada em grupos sociais [que] é imprescindível para o desencadear da memória e para a sua constituição. A memória é construída como resultado das interações sociais em contextos sociais específicos, seja no convívio familiar, nas comunidades a que pertencem e no exercício de alguma profissão (LINS DE BARROS, 2014, p. 55).

No fim das contas, o maior objetivo dos idosos com a busca pelo envelhecimento ativo é também, por sua vez, a busca de uma gramática moral em que, nas relações entre os idosos com pessoas de gerações mais novas, como coloca Alexandre Werneck (2014), os idosos sejam vistos como ‘agentes competentes’, ou seja,

[...] como seres dotados de uma competência moral capaz de operacionalizar sua condição como elemento de efetivação de suas ações, seres capazes de sustentar a ambiguidade moral que qualquer ser humano em vida social é capaz de articular uma com a outra, ou seja, a condição etária com a condição de ator moral (WERNECK, 2014, p. 315-316).

No caso dos idosos, suas preferências ligadas à construção de um estilo de vida voltado a uma vida dedicada a um cuidado muitas vezes até virtuoso com suas gerações mais jovens é

construído por uma forma geradora de práticas sociais, chamada de habitus, que retraduz, conforme Bourdieu (2007, p. 196-197), “as necessidades e facilidades características de [suas condições] de existências homogêneas e, feito isso, [acabam determinando] a maneira como as disposições do habitus se especificam para um dos grandes domínios da prática”, na boa vontade que governa sua conduta metódica de vida, que é traduzido muitas vezes no esforço em se portar para demonstrar a preocupação e sempre colocarem em prática condutas para dar uma boa condição de vida para o sucesso dos seus filhos.

Por esse cuidado, que por muitos pode ser considerado até excessivo, é que essa forma de construção do habitus remete ao que é colocado por Bourdieu (2007, p. 312 e 316), como:

[...] pendor da trajetória social, individual e coletiva, tornado propensão pela qual essa trajetória [que quer se tornar ascendente] tende a prolongar-se e realizar-se: espécie de *nisus perseverandi* [...] em que o trajeto passado se conversa sob a forma de uma tensão para o futuro que o prolonga, ele delimita as ambições ‘razoáveis’ e, por conseguinte, o preço que se deve pagar para realizar essa pretensão realista (BOURDIEU, 2007, p. 312, p. 316).

Por isso é que podemos considerar que toda a perseverança que os idosos presentes na classe dos batalhadores brasileiros demonstram uma pretensão ascética, característica de uma forma de chegada a um plano metafísico superior¹, ao que o próprio Pierre Bourdieu chama de ascensão por procuração, quando essa possibilidade de sucesso é transferida por esses idosos para seus filhos.

Neste caso, duas características são fundamentais nesse tipo de ascensão, presente nos batalhadores. A primeira é a de que o idoso (...) “ com a garantia de que deve sua posição apenas ao seu mérito, está convencido de que se deve contar somente consigo para conseguir sua salvação”. Por isso é que eles têm a preocupação, muitas vezes, em “concentrar esforços e reduzir os custos [que os leva a] romper os vínculos até mesmo familiares – que criam obstáculos à [sua] ascensão individual” de maneira autônoma (BOURDIEU, 2007, p. 316).

A segunda característica é que, de acordo com Bourdieu (2007, p. 317),

[...] ao limitar a família a um pequeno número de filhos, nos quais se concentram todas as expectativas e esforços, [o batalhador brasileiro] obedece apenas ao sistema de restrições implicado em sua ambição; por ser incapaz de aumentar a renda, é obrigado a restringir a despesa [...] (BOURDIEU, 2007, p. 317).

Por isso é que, mesmo tendo práticas que se assemelham aos estilos de vida da classe média em relação ao consumo, por exemplo, o fato de concentrarem todos os seus esforços no sucesso dos seus filhos, os idosos presentes nos batalhadores brasileiros, caracterizam-se como uma classe social baixa, porque tudo se passa, conforme Bourdieu (2007, p. 329),

¹ A ideia de chegada a um plano superior por uma pretensão ascética metafísica é melhor compreendida quando Kant menciona a contração de obrigações pelos seres humanos na modernidade como algo que é estabelecida por uma ordem superior categoricamente, no livro “A fundamentação da Metafísica dos Costumes” e que Weber traduz para a noção de predestinação em seitas protestantes modernas, presente na obra “A Ética Protestante e o Espírito do Capitalismo”.

[...] como se a disposição fundamental, característica da fração em seu conjunto, se transformasse sistematicamente em função da idade e da origem social, indo desde um progressivismo otimista entre os jovens em ascensão, até um conservadorismo pessimista e regressivo entre os mais velhos (BOURDIEU, 2007, p. 329).

Nesse caso, como coloca Bourdieu (2007, p. 331),

[...] toda a existência do [batalhador brasileiro] ascendente é a antecipação de um futuro que, na maior parte das vezes, será vivido apenas por procuração, por intermédio dos filhos, para quem ele ‘transfere, como se diz, suas ambições’. Espécie projeção imaginária de sua trajetória passada, o futuro ‘sonhado por ele para os filhos’ e no qual se projeta desesperadamente, engole seu presente (BOURDIEU, 2007, p. 331).

Nesse sentido, podemos afirmar que a luta que os idosos batalhadores travam com eles mesmos, está ligada, muitas vezes, a formas de darem tudo de si mesmo, por um acúmulo de generosidade egoísta ou de egoísmo generoso, com base em Bourdieu (2007, 331), que faz restar negativamente “um ressentimento de estarem sempre obcecados por um estado de virtualidade, sob a forma do medo de se tornarem otários de um mundo social que lhes exige tanto”.

Mas esse medo acaba caindo por terra quando os próprios idosos, no trato com outras pessoas de seu convívio social, produzem um discurso sobre o mundo social e, por esse discurso, demonstram sua capacidade de ação consciente sobre esse mundo, de acordo com Bourdieu (2007, p. 372-373),

[...] como agentes sociais que ocupam posições diferentes no campo das relações de classes e definidos por uma competência específica (...) socialmente reconhecidos como habilitados a ocuparem-se das questões [de cuidado], dar opinião a propósito dessas questões, ou até mesmo, modificar seu curso (BOURDIEU, 2007, p. 372-373).

Em nosso caso, o que dá aos idosos a noção exata da sua importância é a consciência de estar sempre produzindo práticas de grande relevância moral para a sociedade.

Situacionalmente, esse tipo de reconhecimento é reivindicado pelos próprios idosos, em relações no espaço público com pessoas de outras gerações, como exemplifica Alexandre Werneck em seu estudo sobre as desculpas como dispositivos morais de idosos, quando querem demonstrar uma superioridade construída em toda sua trajetória de vida² em relação aos mais jovens, buscando a aquisição de uma competência, no sentido também dado por Bourdieu (2007, 373), “de capacidade socialmente reconhecida, de atributo e de atribuição estatutários, cujo avesso, ao mesmo tempo, [nos mais jovens, é de] incapacidade e exclusão objetiva (‘isso não é comigo’) e subjetiva (‘isso não me interessa’)”.

² Para um melhor entendimento, ver: WERNECK, Alexandre. **A Desculpa**: as circunstâncias e a moral das relações sociais. Rio de Janeiro. Civilização brasileira. 2012; e WERNECK, Alexandre. **A velhice como desculpa**. In: GOLDENBERG, Mirian. Corpo, envelhecimento e felicidade. Rio de Janeiro. Civilização brasileira. 2014.

Tudo se passa como se os idosos atuassem, como coloca Bourdieu (2007, p. 373),

[...] como agentes mais competentes, fossem e se sentissem tanto mais inclinados e, ao mesmo tempo a opinar, quanto mais legítimo for o problema [sobre o cuidado com outras pessoas] for suscitado. (...) E isso ocorre com uma frequência tanto maior quanto mais claramente a questão formulada [em conversas públicas diárias] estiver situada no registro do [cuidado dado a essas outras pessoas] (BOURDIEU, 2007, p. 373).

Nesse contexto, ao afirmar a velhice como competência, Alexandre Werneck (2014, p. 310-311), mostra como ela pode ser vista como importante elemento de um igualmente jogo de interações para os quais a participação dos idosos ajuda a chamar atenção, em situações em que existe uma possível continuidade “violenta”, que é aplacada usando-se uma circunstância específica como forma de legitimidade de ações incomodamente praticadas e caracterizadas por micropolêmicas morais em termos da precedência em termos da utilização de espaços compartilhados entre jovens e pessoas idosas.

Algumas das situações em que mais esses tipos de micropolêmicas ocorrem na prática, verificados por Werneck em seus estudos sobre a moralidade em idosos, são as disputas em supermercados quando, por exemplo, uma mulher idosa “atrapalha” o acesso a um produto em uma prateleira por outras pessoas, ao demorar demais para escolher este mesmo produto, ou demorar muito na fila do caixa para despachar seus produtos e, ao ser questionada por uma pessoa mais jovem por provocar esses tipos de problemas, responde mais ou menos da seguinte forma: “Quem é você para reclamar de mim, que matei marido e criei filhos que hoje são adultos..., e você, o que fez da sua vida até agora?”

Os espaços de disputa aonde esses conflitos ocorrem nas interações cotidianas, no que diz respeito aos idosos, acabam assumindo proporções peculiares por suas próprias limitações físicas, em relação a pessoas mais jovens: são muito mais “lentos” que as pessoas mais jovens para superarem tarefas, que acabam se tornando verdadeiros desafios, por essas limitações de movimento colocá-los, muitas vezes, como obstáculos.

Nas relações de disputas e conflitos cotidianos entre idosos e pessoas mais jovens e que o envelhecimento ativo ajuda a dirimir, colocados por Werneck (2012, 315) é essa utilização do espaço evidencia, porque os idosos normalmente são taxados de lentos ou lerdos por terem movimentos corporais limitados, até mesmo em virtude da senescência, que é o desgaste celular e orgânico natural do ser humano oriundos do envelhecimento.

Mas, o objetivo aqui é evidenciar as situações em que, são colocadas por Werneck (2014), em que os idosos são praticantes de ações que, por algum motivo, possam incomodar os outros a seu redor e que tem a possibilidade de conflito aplacada pelo uso da prerrogativa de ator moral capaz de sustentar essa ambiguidade moral e poder. Por isso que “incomodar” seres humanos mais

jovens, por terem suas práticas sociais legitimadas até sua idade atual, por possuírem, com base em Bourdieu (2007) uma competência estatutária moral legítima, construída e colocada em prática durante toda a sua vida, inclusive, pela busca do envelhecimento ativo vem se tornando comum.

Nesse sentido, Werneck (2014) demonstra como isso é feito como forma de efetivação, que dê conta da resolução de pequenos conflitos cotidianos, tratando cada um deles como uma diferente gramática de resolução dessas questões, apontando para a produção de efeitos, enfatizando a necessidade de pensar a realidade das situações em suas consequências, no sentido de pensar o reconhecimento das ações dos idosos como uma forma pragmática atravessada, em primeiro lugar, por um imperativo moral; e, em segundo lugar, como essa moralidade, antes de ser pensada como um plano normativo de imposição do que seja correto ou incorreto, ser considerada como um plano de gestão do bem (WERNECK, 2014, p. 318-319).

A ideia aqui contida, segundo Werneck (2012, p. 93) é que “as ações são mobilizadas segundo diferentes gramáticas formais e que [os idosos, considerados como] actantes³ se movem (...) entre dois tipos de regimes: regimes de disputa e regimes de paz, cada um deles baseado em uma diferente gramática de ação”.

Por isso é que os conflitos entre idosos e pessoas mais jovens são compostos, de acordo com Werneck (2012, p. 97),

[...] por um conjunto de situações de disputa em torno da legitimidade de estados temporários ocupados por pessoas, (...) iniciadas quando a capacidade crítica dialoga conceitualmente com uma utopia, uma metafísica moral e observa na ação de alguém uma ‘não competência’ para ser operada naquela linguagem, segundo aquela gramática, uma possibilidade de operar ‘convenientemente’ nessa língua moral (WERNECK, 2012, p. 97).

Nesse sentido, dois aspectos merecem ser destacados pela abordagem de Werneck. O primeiro é que a ênfase dada à questão moral de gestão do bem é que faz com que os conflitos sejam circunstanciais e temporários. Em segundo lugar, são as incoerências de muitas situações geradas que provocam conflitos entre idosos e pessoas mais jovens, como alguns exemplos dados por Werneck (2014, p. 320-322) do “velho expansivo ou entrão, o velho espaçoso na competição agressiva pelo espaço ou o velho aproveitador”, pelo fato dos mais jovens não encararem os idosos como atores competentes para efetivarem certas tarefas cotidianas, como fazer compras no supermercado, o que para os idosos são tarefas que eles podem fazer bem porque as fizeram durante toda a sua vida.

³ A concepção de seres actantes é trazido por Werneck da narratologia do linguista lituano Algirdas Greimas, como “aquele ou aquilo que pratica um ato, tratando-se de um ente dotado de capacidade determinadora de suas ações, influenciando as ações dos outros. E esse ente podendo ser de qualquer natureza, uma pessoa, um animal, um objeto, um conceito, uma ideia” (WERNECK, 2012, p. 345).

Nesse caso, o comportamento de um sujeito sempre é visto aqui pragmaticamente, em primeiro lugar, a partir da referência que esse sujeito dá ao comportamento dos outros atores a partir do momento em que se pode afirmar que os fenômenos de disputa entre idosos e pessoas mais jovens acontecem dentro de um processo, que Werneck (2012), traz, primeiramente, de Harold Garfinkel (1967) “como produto das ações sociais de agentes competentes que são capazes de observar as ações um dos outros e as avaliar, criando uma vida social mútua e constantemente em questão” (WERNECK, 2012, p. 79).

Em segundo lugar, a partir da perspectiva pragmática que Bruno Latour vai trazer do situacionismo metodológico presente no pragmatismo norte-americano de Charles Sanders Peirce e William James, que colocam as relações entre atores, de acordo com Werneck (2012, p.85), como “elementos de verdadeira unidade analítica, um quadro povoado por estados-pessoa e estados-coisa, configurando posições ocupadas por pessoas e coisas que passam a ser apresentados no modelo não mais como tais [ou realmente são], e sim como actantes”

Com isso, notamos que as relações sociais de um modo geral, e nas familiares mais especificamente, sobretudo pragmaticamente, a partir da vivência prática da vida cotidiana de sujeitos dotados de capacidade determinadora para alcançar objetivos de cuidar dos seus entes mais velhos para torná-los aptos para toda e qualquer atividade humana, que só podem ser conquistados a partir de situações muito específicas, a partir do momento em que estes sujeitos traçam estratégias para alcançá-los sem que isto vá, obviamente, de encontro aos anseios de outros atores sociais que participem do mesmo convívio social. Não são tarefas para quaisquer pessoas, mas apenas para aquelas que reconhecem todo o esforço dessas pessoas por toda uma vida dedicada às nossas gerações de pessoas mais jovens.

CONSIDERAÇÕES FINAIS

Pelo fato da modernidade ter consagrado práticas sociais de produção voltadas para o mundo do trabalho, o avanço da idade e sua conseqüente perda de vigor físico trouxe a desvalorização dos idosos na sociedade contemporânea. Aliado a isso, a proximidade temporal com a morte fez com que as pessoas de idade acima dos sessenta anos de idade fossem isoladas do mundo dos seres humanos mais jovens.

No entanto, não podemos desconsiderar a contribuição que essa geração de idosos na formação das nossas famílias, no sentido de ver a importância da forma altruisticamente ascética como isso é feito até hoje, sobretudo em comparação à forma como as gerações mais jovens de nossa sociedade demonstram sua incapacidade em retribuir todo o cuidado dado a eles pelos idosos,

mesmo porque o isolamento e a falta de cuidado com os idosos é um traço cultural de nossa sociedade.

Além disso, o que demonstra ainda mais o compromisso e a capacidade de mudar a postura dos mais jovens vem dos idosos propriamente, com toda a demonstração de toda uma competência estatutária desenvolvida por toda uma vida dedicada ao cuidado com os jovens e o investimento no envelhecimento ativo, a partir da formação estruturas de relacionamentos familiares de cuidado e companheirismo, utilizando de receitas de solução de problemas cotidianos construídas e aperfeiçoadas com o passar do tempo.

Um outro fator que deve ser levado em consideração e abordado mais adiante e que Alexandre Werneck Pierre Bourdieu nos ajuda a pensar é como todas as disputas que os idosos travam, principalmente em espaços públicos com os mais jovens, é a já existente formação de um campo de atuação dos idosos como atores actantes, que após demonstrarem toda uma competência moral e estatuída de zelo e cuidado com outras pessoas, buscam o envelhecimento ativo para não dependerem mais de quem quer que seja para sequer se preocuparem com sua saúde física e mental e passarem a ter relações afetivamente mais positivas, primeiramente no sentido de ver a questão do cuidado com os idosos como algo fundamental para a sobrevivência de nossa sociedade de um modo geral, independentemente dos problemas de relacionamento existentes nas relações entre as gerações familiares.

Para uma análise mais detida sobre esse assunto, uma exame da trajetória de como a construção das relações familiares de gerações distintas, das mais idosas às mais novas se deu, se faz necessária, mesmo porque não sabemos ao certo se o isolamento social e a falta de cuidado com os idosos é decorrente também de algum sentimento egoístico dos mais jovens, ou se altruisticamente, nossas gerações de pessoas mais jovens foram educadas pelos mais velhos para não se preocuparem com isso, por exemplo.

Por isso, há necessidade, em primeiro lugar, em se notar como as interações existentes entre os membros familiares foram construídas por valores e virtudes humanas individuais de cooperação, solidariedade, benevolência, fraternidade, igualdade e/ou utilitários de aquisição de bens materiais, por exemplo, e quais os dilemas existentes na vida diária dessas famílias no cuidado diário com seus entes mais velhos para identificar como essas relações sociais existentes são construídas e reconstruídas cotidianamente de valores sociais existentes nas relações de cuidado das pessoas mais jovens para com as pessoas mais velhas.

Para isso, uma reconstrução sobre as representações feitas pelos membros das famílias, sobre a (falta de) importância que as gerações mais jovens dão ao tratamento e cuidado com as pessoas mais velhas das famílias tem que ser feita, porque a percepção desse tipo de realidade social depende de uma análise detida sobre a comparação das trajetórias coletivas, colocando-as dentro de

um contexto que enfoque as semelhanças estabelecidas para permitir, sobretudo, a identificação de como as trajetórias individuais dos mais jovens se harmonizam ou não com as trajetórias individuais por todo o cuidado que os idosos tiveram com os mais jovens.

Portanto, vale ressaltar que tudo isso nos permitirá vislumbrar os aspectos negativos relacionados à incapacidade funcional dos idosos, relacionados à senescência, de declaração indicativa de dificuldade ou de necessidade de ajuda em tarefas básicas de cuidados pessoais e em tarefas mais complexas, necessárias para viver de forma independente em qualquer sociedade e que leva muitos a contraírem um sentimento negativo pela aproximação com a morte, devido ao avanço da idade, que não são ou foram construídos pelos idosos, mas historicamente pela sociedade moderna e contemporânea e que o empreendimento do envelhecimento ativo deve ser visto, antes de mais nada, como mais um elemento de construção de competência estatutária dos idosos, e não apenas como uma forma de gerar confusões por uma ambiguidade moral, principalmente, em espaços públicos e muito do que nossas gerações de pessoas mais jovens são, depende até hoje dessa competência.

REFERÊNCIAS

- BOURDIEU, Pierre. **A distinção: crítica social do julgamento**. São Paulo. EDUSP. 2007.
- ELIAS, Norbert. **A solidão dos moribundos, seguido de, envelhecer e morrer**. Rio de Janeiro. Zahar. 2001.
- GARFINKEL, Harold. **Studies in ethnometodology**. Englewood Cliffs (EUA). Prentice-Hall. 1967.
- KANT, Immanuel. **Fundamentação da metafísica dos costumes**. São Paulo: Discurso editorial. 2009.
- LARANJEIRA, Carlos Antônio. “Velhos são trapos”: do positivismo clássico à nova era. **Saúde e sociedade**. São Paulo. Vol. 19, n. 4. 2010.
- LINS DE BARROS, Myriam Moraes. **A velhice na pesquisa socioantropológica brasileira**. In: GOLDENBERG, Mirian (org.). **Corpo, envelhecimento e felicidade**. Rio de Janeiro. Civilização brasileira. 2014. P. 45-64.
- MAFFIOLETI, Virgínia Lúcia Reis. Velhice e família: Reflexões clínicas. **Psicologia: Ciência e profissão**. Vol. 25. N. 3. Brasília. 2005. P. 336-351.
- SOUZA, Jessé. **Os batalhadores brasileiros: nova classe média ou nova classe trabalhadora?** 2. Ed. Belo Horizonte. Editora UFMG, 2012.
- VERAS, Renato. **Novos desafios para um jovem país envelhecido**. In: GOLDENBERG, Mirian (org.). **Corpo, envelhecimento e felicidade**. Rio de Janeiro. Civilização brasileira. 2014. P. 329-339.
- ROTH, Philip. **Patrimônio: uma história real**. São Paulo. Companhia das letras. 2012.

WEBER, Max. **A ética protestante e o espírito do capitalismo**. 2. ed. São Paulo. Pioneira Thompson Learning. 2001.

WERNECK, Alexandre. **A velhice como desculpa**. In: GOLDENBERG, Mirian (org.). *Corpo, envelhecimento e felicidade*. Rio de Janeiro. Civilização brasileira. 2014. P. 309-327.

WERNECK, Alexandre. **A desculpa**: as circunstâncias e a moral das relações sociais. Rio de Janeiro. Civilização brasileira. 2012.

Recebido em: 18 de Novembro de 2017

Aceito em: 12 de Dezembro de 2017

¹ Possui graduação em Ciências Sociais pela Universidade Federal de Pernambuco (2002) e Licenciatura (2002), mestrado em Sociologia pela Universidade Federal de Pernambuco (2004). Atualmente é professor da Faculdade de Ciências Humanas e Exatas do Sertão do São Francisco. Tem experiência na área de Sociologia, Antropologia e Ciência Política com ênfase em Antropologia jurídica, Sociologia Urbana e Sociologia Política, Sociologia Jurídica, atuando principalmente com os seguintes temas: Sociedade Civil, Organizações, Globalização, Direitos Humanos, Cuidado, Abandono e Moralidade. E-mail: josricardoc@yahoo.com